

OS MODOS DE CAMINHAR: CARTOGRAFIAS DO DESEJO NA CIDADE ALTA THE WAYS OF WALKING: CARTOGRAPHY OF DESIRE IN THE CIDADE ALTA

Jefferson Bruno de Sousa Cabral¹

Josimey Costa da Silva²

Resumo: Utilizando a cartografia enquanto postura de apropriação dos processos de produção da realidade no cotidiano, este texto discute as micropolíticas do desejo e as práticas comunicacionais urbanas de subjetividades no contemporâneo, presentes no bairro central da Cidade Alta (Natal/RN). Partindo de um aporte teórico e metodológico sensível, investigamos as estratégias afetivas produzidas nos contraespaços do bairro por seus transeuntes, em diálogo com o olhar vibrátil do pesquisador e através do caminhar pelo corpo da cidade histórica.

Palavras-chave: Comunicação Urbana. Cartografia. Micropolíticas.

Abstract: Using the cartography as a posture of appropriation of the production process of reality in everyday life, this text discusses the micro-politics of desire and the urban communicational practices of subjectivities in the contemporary times, present in the central district of Cidade Alta (Natal/RN). Based on a sensible theoretical and methodological contribution, we investigate the affective strategies produced in the neighborhood counterspace by his pedestrians, in dialogue with the researcher's vibrating view and by walking through the body of the historical city.

Keywords: Urban Communication. Cartography. Micro-politics.

1. Introdução

A comunicação social relativa a cidade suporta atualmente diversos arrolamentos possíveis em decorrência da interdisciplinaridade nas áreas do conhecimento humano e das

¹ Mestrando em Estudos da Mídia, colaborador da pesquisa e estudante de graduação do 6º. semestre do curso de Comunicação Social (Radialismo) do DECOM-UFRN. E-mail: jeffbrunoscx@gmail.com.

² Orientadora do projeto de pesquisa e professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPGEM). E-mail: josimeycosta@gmail.com.

possibilidades de problematização que o espaço suscita na tardo-modernidade. Não há nenhuma perspectiva de cidade absoluta e um estudo da urbe não tolera mais (na verdade, nunca suportara) uma separação bem definida do que seria o corpo e a alma de uma cidade, ou seja, o conjunto material do espaço recortado por caminhos e o domínio dos pensamentos e sonhos que movem os seus habitantes (ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008, p. 181). Agora podemos articular, junto a cidade e suas populações, o espaço geográfico, espaço imaginário, espaço virtual, espaço heterotópico, espaço midiático, etc. e analisar as suas imbricações num contínuo processo de transformação que lhe é próprio.

Dentro da cidade observamos também um fenômeno macro e micro, igualmente relacional de universalidade e localidade, de modernidade e pós-modernidade, de sublimações do espaço e tempo. A vida na cidade local marcada por atividades rotineiras de sobrevivência e experiências com os monumentos do passado estão inter-relacionados com a existência da cidade mediada pelo consumo e velocidade das mensagens – alterando as percepções dos habitantes que vivem uma globalização constante em seu cotidiano. Se o indivíduo está no mundo, agora com as novas tecnologias da comunicação, o mundo habita o indivíduo. E ao alcance do seu bolso.

Apesar da aceleração contemporânea, de todo o processo de mutação e dinamismo que vivemos no urbano, nós não nos perdemos nele, resistimos, criamos, procuramos os seus novos significados, suscitamos cognoscibilidade sempre. Para apreender estas novas camadas de cidade, o cotidiano aparece como a arte de fazer dos cidadãos, “maneiras de fazer” que “[...] constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural.” (CERTEAU, 1994, p. 41). Dimensões da antidisciplina, da criatividade, dos sonhos, das paixões, nos quais podemos dar sentido aos rastros das operações dos indivíduos contra a ordem, a disciplina e a atomização na urbe.

Na esteira deste diagnóstico de transformações urbanas, uma questão surge, qual estratégia sensível devemos lançar mão para observar, apreender e interpretar os modos de resistência que operam na cidade contemporânea? Em pesquisas passadas utilizamos o caminhar proposto pelo escritor alemão Walter Benjamin, numa postura metodológica organizada com referências para a experiência na cidade moderna, havendo uma atenção ao espaço citadino através do flunar, ou seja, da longa caminhada sem direção, mas atenta a história dos lugares. Contudo, diante da contemporaneidade, a observação do flunar se apresenta insatisfatória.

Para fins dessa pesquisa, utilizamos a perspectiva cartográfica sentimental de observação das micropolíticas do desejo e das práticas comunicacionais urbanas de subjetivação no contemporâneo, pensadas pela psicanalista Suely Rolnik e pelo filósofo francês Félix Guattari. Nesse sentido, o subprojeto *A história, a arte e o espaço na comunicação urbana dos centros históricos de Natal* organizou sua pesquisa, mais especificamente em caminhadas cartográficas no bairro da Cidade Alta, na investigação dos desejos, das expressões subjetivas da comunicação urbana produzidas por seus transeuntes e no envolvimento do pesquisador com o *lócus*, isto é, nas experiências minhas e dos outros que marcam o centro da cidade como lugar de disputa das espacialidades, numa dupla ação relacional entre o macro e o micro na política.

2. Metodologia

A metodologia da pesquisa utilizou materiais, técnicas e métodos flexíveis e multidisciplinares para compreender a complexidade dos fenômenos subjetivos que estavam em atividade na cidade. Procedimento multiforme importante para dar conta das diversas experiências que acometem a comunicação urbana, imbricadas por questões mundiais e locais, macropolíticas e micropolíticas, que permeiam a vida cotidiana contemporânea nos bairros históricos de Natal. Nesse sentido, o pensamento complexo (MORIN, 2009, p. 63) colabora para a construção de uma metodologia em que o pesquisador fuja das fórmulas programáticas de pensamento, mas que pense a si mesmo na complexidade e com seu objeto empírico, num desafio entre religação e incerteza, isto é, pensar o que antes na ciência era considerado separado, ao mesmo tempo em que, precisa interagir com a certeza sólida do senso comum.

Deste modo, o conjunto de procedimentos metodológicos da pesquisa envolveram: a revisão bibliográfica de novos autores, responsáveis por problematizar os fenômenos sociais atuais através das microexperiências, nesse sentido, destacamos as leituras dos livros *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, de Suely Rolnik, e *Micropolítica: cartografias do desejo*, de Félix Guattari e Suely Rolnik; a participação nas oficinas do pensamento, com pesquisadores e colaboradores nos encontros quinzenais do grupo de pesquisa Marginalia (Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura); a observação cartográfica espontânea individual, por meio de visitas aleatórias não programadas ao espaço da pesquisa, e a visita orientada em grupo, com os olhares marcados

pelas paisagens urbanas; a entrevista informal dos passantes, boêmios, trabalhadores e comerciantes da localidade; a documentação audiovisual das práticas cotidianas e culturais envolvidas na comunicação relativa a cidade, por meio da produção de fotografias, vídeos e áudios; e a escrita de diários de campos para registro das experiências do pesquisadores durante as visitas, com a finalidade de embasar a construção de um relatório individual sobre a investigação.

3. Resultados e Discussão

Não entendemos aqui a cidade somente em seu espaço construído e formal, isto é, uma cartografia produzida de cheios e vazios, de concreto e asfalto, planejado pelo poder político e econômico instituído. Pensamos a cidade como mídia, no mesmo sentido em que o geógrafo Milton Santos reflete as articulações entre espaço, tempo e mundo.

O espaço é mídia nos dois sentidos. Ele é linguagem e também é o meio onde a vida é tornada possível. A percepção pela sociedade e pelo indivíduo do que é esse espaço, depende da forma de sua historicização e esta resulta em grande parte dos progressos nos transportes e nas comunicações, na construção do tempo social. (SANTOS, 2008b, p. 19).

De forma inversa, e não contraditória, assumimos que a mídia é espaço, enraizada no processo de globalização do espaço atual.

[...] a mídia, antes de ser comunicação, é espaço. A percepção do espaço está ligada à velocidade das pessoas, das coisas e das mensagens. O espaço distingue-se, certamente, em função do grau de fluidez entre coisas, objetos, mensagens. Então chegamos a este final de século em que somos capazes de participar da contemporaneidade simultânea. Antes havia a contemporaneidade, mas nós não participávamos. Hoje, queiramos ou não, participamos. Essa nova situação muda a definição dos lugares: o lugar está em todo lugar, está dissolvido no mundo inteiro, graças à televisão, graças à instantaneidade. (SANTOS, 2008b, p. 89).

Assim, a cidade é um grande lugar da dimensão espacial do banal, o ponto de encontro de interesses mundiais e locais, a intercessão entre linguagem, suporte e fluxo no contemporâneo. É o lugar da comunicação urbana entre os indivíduos, grupos sociais e instituições com as imagens midiáticas e imagens subjetivas diversas que configuram sua

paisagem formal (contra à ação) e cultural (em favor à ação). Geografia do cotidiano, a cidade onde: “[...] vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (SANTOS, 2008a, p. 322).

Ao lado dos geógrafos, que cartografam as paisagens, com Suely Rolnik aprendemos que as “Paisagens psicossociais também são cartografáveis.” (ROLNIK, 2011, p. 23), ou seja, a vida social como território de investigação dos afetos (re)criados por indivíduos e coletivos em relação. Na cartografia sentimental – do afetar e ser afetado – deverá haver atenção às estratégias do desejo, como Suely Rolnik sublinha:

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar [...] (ROLNIK, 2011, p. 65, grifo da autora).

Com a palavra desejo não se invoca o significado de vontade própria do indivíduo, mas sim um conceito: “O desejo – processo de produção de universos psicossociais; o próprio movimento de produção desses universos.” (ROLNIK, 2011, p. 31). Desejo como estratégias individuais e coletivas, como processo de produção e como técnicas de subjetivação – o desejo apreendido nesta pesquisa por meio das ações da comunicação urbana.

Deste modo, nem a postura metodológica nem a cognoscitiva do pesquisador escapam à cartografia, pois seus operadores conceituais não são pré-definidos: “[...] **teoria é sempre cartografia** – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha [...]” (ROLNIK, 2011, p. 65, grifo da autora). De igual forma, nem seus procedimentos são programados: “Ora, estes tampouco importam, pois ele sabe que deve ‘inventá-los’ em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. Por isso **ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado.**” (ROLNIK, 2011, p. 66, grifo da autora). Então, qual a segurança que existe na tarefa do cartógrafo? A sensibilidade:

O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na *adjacência das mutações* das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito ilimitado do processo de produção da realidade, que é o desejo. Para que isso seja possível, ele se utiliza de um “composto híbrido”, feito do seu olho molar, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu olho molecular, ou melhor, de todo aquele seu corpo (o

vibrátil), pois o que quer é apreender o movimento que surge da **tensão fecunda** entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, estacando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido. (ROLNIK, 2011, p. 66-67, grifo da autora).

Nesse sentido, nosso trabalho de investigação se envolve próximo da micropolítica, como bem define Felix Guattari:

A questão micropolítica – ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de “molar”), com aquele que chamei de “molecular”. Entre esses dois níveis, não há uma oposição distintiva que dependa de um princípio lógico de contradição. (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 149, grifo dos autores).

Em outras palavras, fomos sensibilizados por estratégias de subjetivação (individuais ou coletivas) no bairro da Cidade Alta que funcionam como modos de resistência à disciplina, que são, ao mesmo tempo, molares (macropolíticas) e moleculares (micropolíticas). Nosso corpo vibrátil foi afetado durante os encontros e caminhadas pelos “[...] processos de singularização subjetiva [...]” dentro do corpo da cidade, na qual funcionam as “[...] revoluções moleculares contra a produção de subjetividades capitalística [...]” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 239).

Os percursos feitos pelas ruas e avenidas da Cidade Alta aconteceram dispersamente ao longo do tempo e espaço, foram (des)organizados durante toda a pesquisa em forma de visitas individuais e exploração em grupo. As caminhadas (Figura 1) aconteceram em direção aos lugares de antidisciplinas, aos monumentos do passado, e igualmente, dentro dos espaços tradicionais de formação e disciplina do poder local. Durante a cartografia, nossos olhares e corpos foram sendo modificados e atraídos pelos atos de comunicação diversos que preenchem as ruas internas do bairro. Uma experimentação do pesquisador envolvida pelos registros de alteridades nas praças, paredes, faixadas e becos que guardam os desejos dos seus habitantes e passantes.

A cartografia investigativa empreendida durante o processo de pesquisa na Cidade Alta identificou subjetividades da comunicação urbana marcadas em espaços sociais considerados por vezes desviantes ou boêmios. “[...] utopias localizadas [...]”, nos termos de

Michel Foucault, que “[...] são *absolutamente* diferentes: lugares que se opõem a todos ou outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purifica-los. São como que *contraespaços*.” (FOUCAULT, 2013, p. 20, grifo do autor). Contraespaços camuflados pelas grandes avenidas movimentadas por carros apressados e pessoas consumidoras, também lugares escondidos pelos monumentos do passado, que requerem atenção, visibilidades diversas, sejam elas turística, histórica, cultural ou política.

Nesses contraespaços presentes fisicamente ao lado dos símbolos do passado, mas aos mesmo tempo sombreados por eles, encontramos “[...] contestações míticas e reais do espaço em que vivemos.” (FOUCAULT, 2013, p. 20). Na Cidade Alta, esses lugares dos sonhos, das artes e dos desejos estão presentes em um espaço citadino atravessado por pequenas ruas e becos, marcados em suas paredes por arte urbana (grafites, pichações, estêncil e *stickers*); pela publicidade rudimentar (cartazes e fachadas desenhadas e pintadas a mão); pela religiosidade (com o velário e ex-votos de pagadores de promessas); pelo sexo (com um cinema pornô), pela vida boêmia (nos bares); e pelo comércio artesanal e comércio de objetos culturais usados (livros, filmes, vinil, etc.).

Com a arte urbana na Cidade Alta apreendemos a micropolítica em sua relação com a ação política coletiva, contra as censuras do cotidiano que envolvem os corpos femininos (Figura 2); e a favor das lutas macropolíticas nacionais de esquerda, por meio de representações imagéticas que pedem o reestabelecimento da democracia, expressadas pelo grito “Fora Temer!” (Figura 3). Igualmente somos afetados por uma poesia visual (grafite) e uma escrita territorial (pichação) nas paredes, caixas e postes que compõem a estrutura urbana (Figura 4), numa espécie de micropolítica cultural que contorna as produções de realidades racionais e esquematizadas pensadas para uma cidade.

Com a publicidade rudimentar observamos micropolíticas da economia, nos modos de resistência a mão e tinta (Figura 5) do comércio de objetos culturais usados (Figura 6), de artesanatos de subsistência (Figura 7), em direção oposta às impressões massivas em *plotter* que dominam a propagação do consumo colorido, rápido e massivo contemporâneo (Figura 8). Com as expressões da religiosidade percebemos lugares públicos de devoção espiritual (Figuras 9), a existência das almas dos seus habitantes marcadas por bens simbólicos em monumentos, promessas e agradecimentos aos sonhos e enfermidades (Figura 10), dimensionados em uma micropolítica social dentro das estruturas discursivas macropolíticas de dominação e prisão do corpo pela religião. Por fim, micropolíticas do prazer, presentes no cinema pornô (Figura 11), lugar de liberdades dos fluidos corporais masculinos, e presentes

também nos bares (Figura 12), espaços do êxtase e relaxamento da mente, dos devaneios das palavras e ações justificados pelo álcool.

5. Conclusão

A experiência da cartografia como atitude de apreensão das micropolíticas cotidianas se mostrou um intenso exercício de produção de subjetividades. Os desejos no campo social cotidiano experienciados por habitantes e passantes que deixavam seus rastros corporais, visuais e sonoros nas memórias físicas que constituem a Cidade Alta. E os desejos no campo subjetivo da experiência do pesquisador enquanto caminhante, no corpo e no olhar vibrátil capaz de perceber os murais de sentidos presentes no espaço urbano local.

Simultaneamente aos desejos, ocorrem as antidisciplinas (CERTEAU, 1994) nas operações dos indivíduos contra a ordem e a atomização na cidade, nas estratégias afetivas de luta contra a massificação. Acontecem também os contraespaços (FOUCAULT, 2013), heterotopias, ou seja, lugares no corpo e no espaço onde há contraposições aos lugares instituídos (isotopias). Do mesmo modo em que se presencia a micropolítica, isto é, “[...] questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva.” (ROLNIK, 2011, p. 11).

As presenças dos desejos no cotidiano da Cidade Alta constituem a sua comunicação urbana singular. É por meio dessas expressões da subjetividade, individuais e coletivas, que os processos comunicacionais formam a matriz cultural e social da cidade, numa direção antidisciplinar aos usos dos contraespaços, numa ação de resistência aos modos de viver na urbe, e numa alternativa ao capitalismo em sua forma contemporânea. Nas cartografias empreendidas na Cidade Alta observou-se desejos outros e desejos meus, tramados por uma rede de afetos dentro do espaço média da cidade.

Referências

ARRAIS, R.; ANDRADE, A.; MARINHO, M. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um Lírico no Auge do Capitalismo – Obras Escolhidas III*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MORIN, E. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008a.

_____. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional*. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008b.

Anexos

Figura 1 – Mapa do caminhar cartográfico



Fonte: Google Maps 2017 (modificado pelo autor).

Figura 2 – “Não se cale!” (Praça Padre João Maria)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 3 – “Fora Temer!” (Rua Dr. Heltor Carrilho)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 4 – Grafite de Elvis Mourão – H♥pë (Rua Gonçalves Ledo)



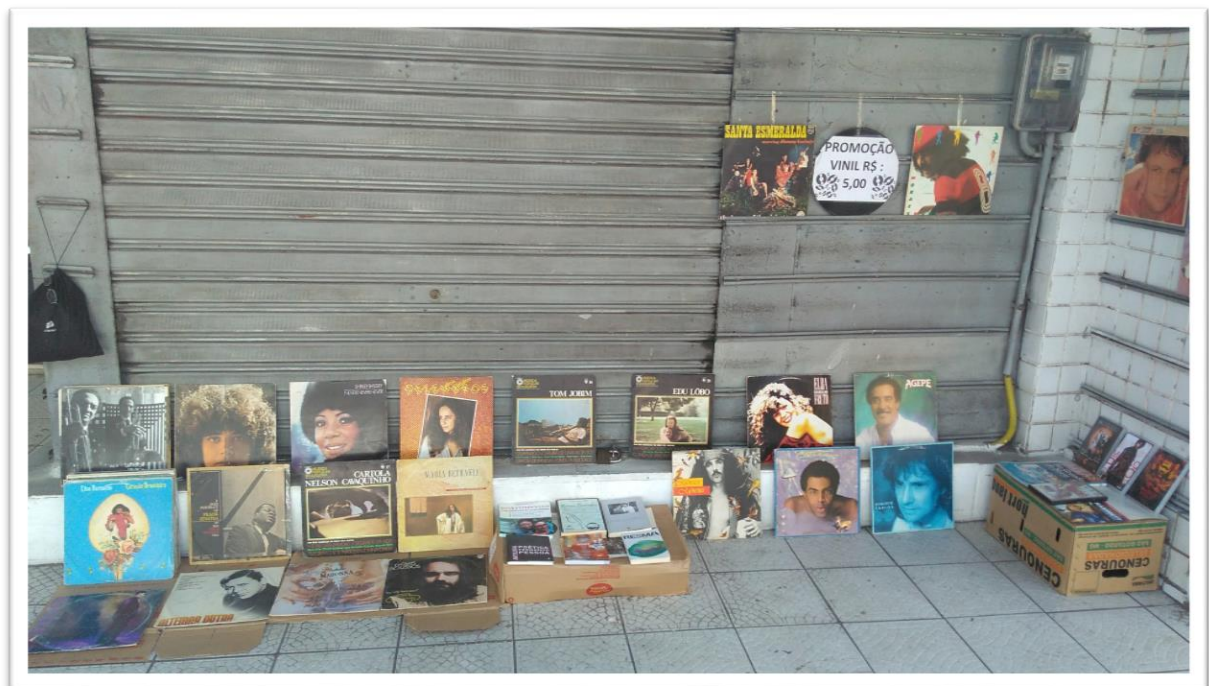
Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 5 – Publicidade rudimentar (Rua Cel. Cascudo)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 6 – Comércio de rua (Rua Vig. Bartolomeu)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 7 – Comércio de artesanato (Praça Padre João Maria)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 8 – Publicidade em *plotter* (Rua Dr. Heltor Carrilho)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 9 – Velário (Praça Padre João Maria)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 10 – Ex-votos (Praça Padre João Maria)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 11 – Cine França (Rua Voluntários da Pátria)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).

Figura 12 – Bar do Negão Garantido (Rua Vaz Gondim)



Fonte: registrado pelo autor (17/11/2016).